

Câmbio fixo preocupa em Israel

Ao falar ontem sobre o plano de estabilização de Israel, no Seminário **Terapias Antiinflacionárias**, o professor Rudiger Dornbusch disse que esse país está vivendo um impasse muito parecido com o que deverá ocorrer no Brasil nos próximos meses: precisa voltar a crescer e com isso terá que abandonar a taxa de câmbio fixa e aceitar taxas de inflação mais elevadas.

Até o momento, segundo o professor do MIT, o plano de Israel está sendo um verdadeiro sucesso. A inflação caiu de uma taxa mensal de 28% ao mês para uma taxa acumulada de agosto de 1985 a fevereiro de 1986 de 13,2%. O déficit público foi

cortado de 12% a 13% do Produto Interno Bruto (PIB) para cerca de 4% (cobertos por uma ajuda dos Estados Unidos de 1,5 bilhão de dólares). O desemprego está mais ou menos estável.

Esses bons resultados, explicou Dornbusch, foram obtidos por meio da adoção de medidas, em julho do ano passado, muito parecidas com as do plano cruzado: reforma monetária, controle de preços e salários. As principais diferenças dizem respeito aos salários reais (que caíram, porque tinham muito peso no orçamento público e dificultariam o maior equilíbrio das contas governamen-

tais) e à maxidesvalorização cambial realizada pouco antes da implementação do plano.

Mas agora, com as taxas de inflação muito baixas — 1,5% a 2% ao mês — e a taxa de câmbio fixa, o país quase não está crescendo, o que está gerando uma migração muito forte para os Estados Unidos. Por isso, assim como deverá ocorrer no Brasil, Rudiger Dornbusch acha que o governo israelense terá de optar entre segurar a inflação ou permitir que ela se eleve um pouco, para deixar o país crescer. Se a inflação subir, a taxa de câmbio não mais poderá ficar fixa.

Ao contrário do que vinha ocorrendo no Brasil — aceleração do crescimento antes do plano de estabilização — Israel, comentou o economista, já vinha de anos de taxas muito baixas de expansão da economia. Entre 1980 e 1984, a taxa média de crescimento do Produto Interno Bruto ficou em 2%. Em paralelo, a taxa de crescimento da população também foi caindo. Era de 3,7% entre 1960 e 1970 e entre 1980 e 1984 ficou em 1,4%. O plano de estabilização não modificou esse quadro, o que Dornbusch considera perigoso, já que Israel, “por motivos de defesa”, precisa de uma taxa elevada de expansão da população.